

A BÉLGICA EM FOCO

Celina Scheinowitz*

RESUMO — *Objetivando fornecer dados para uma maior compreensão da Bélgica, país em que se instituiu há alguns anos o federalismo, que permite a cada grupo cultural afirmar sua identidade e cuidar de seus interesses públicos, analisam-se três livros: **Les racines de la Belgique**, de Jean Stengers (2000), **Belgique requiem**, de René Swennen (1999) e **Albert et Élisabeth de Belgique**, da princesa Marie José (2000, nova edição).*

PALAVRAS-CHAVE: *Comunidade européia. Bélgica. Identidade cultural.*

Três livros publicados recentemente, na Bélgica, colocam em pauta a discussão sobre esse país, sede e coração da Europa, em que se instituiu o federalismo, em 1993, para dar maior participação às populações na coisa pública. Tentativa para deter ou retardar a desintegração nacional? Trata-se de *Les racines de la Belgique*¹. Histoire du sentiment national en Belgique des origines à 1918. Tome I: jusqu'à la révolution de 1830, de Jean Stengers, publicado em 2000; *Belgique requiem, suite et fin*?², de René Swennen, publicado em 1999 e *Albert et Élisabeth, mes parents*³, assinado por Marie José, em edição datada de 2000. Deter-nos-emos aqui mais demoradamente na apresentação do derradeiro livro. Os demais, ao fornecerem dados para o conhecimento atual da nação belga, servirão de desaguadouro para a compreensão do percurso histórico da

* Prof. Titular (DLA/UEFS). Doutora em Letras pela Universidade de Paris IV. E-mail: asschein@hotmail.com

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Letras e Artes. Tel./Fax (75) 3224-8265 - Av. Transnordestina, S/N - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: let@uefs.br

publicação aqui em destaque, de autoria da princesa belga Marie José.

O primeiro livro é de um historiador, de posição “belgicista”. Para Stengers, a Bélgica existe e embasa-se em um sentimento nacional forjado ao longo da história. Quanto aos belgas, têm uma realidade palpável: continuam os revolucionários de 1830, cuja vontade era organizar um país com existência própria, distinto dos Países Baixos a que estava reunido desde 1815. O fato de Liège ter estado separada até então não justifica uma disjunção, pois também Luis XIV, ao subir ao trono da França, em 1643, não reinava nem sobre Arras, Lille, Strasbourg, nem na Lorena, Franche-Comté, Savoie, Avignon, Nice ou Perpignan e a identidade da França se firma incontestavelmente em seu traçado hexagonal moderno. O Principado Episcopal de Liège, que perdurou por oito séculos⁴, embora ligado ao Santo Império Romano Germânico, mantinha com as outras regiões da futura Bélgica laços identitários que a emergência recente de sentimentos nacionalistas flamengo e valão não pode apagar. Stengers considera que Bruxelas se constitui na pedra de embate que impossibilita a separação dos dois blocos e que os investimentos flamengos na capital, que tanto aterrorizam os francófonos, representam um freio à desintegração da Bélgica.

Já René Swennen, autor do segundo livro, vê a Bélgica como um estado artificial e sem identidade, cuja criação em 1830⁵ fora sustentada pelos interesses das potências. Como escritor, Swennen celebrizara-se em 1980 com seu panfleto *Belgique requiem*, onde previa que, com o desenvolvimento do nacionalismo flamengo, seu país estava fadado a esfacelar-se como nação. Quase duas décadas depois, traz à baila seu pensamento, lembrando que o termo *Bélgica* foi fabricado na segunda metade do século XVIII, a partir da designação que se dava aos indomáveis guerreiros das tribos celto-germânicas existentes na época de Júlio César no norte da Gália, e que a região, com exceção de Liège, posteriormente era conhecida como os Países Baixos do Sul ou Países Baixos Católicos, em oposição às províncias do norte que haviam se tornado protestantes e que conservam até hoje a denominação sem os acréscimos distintivos. Decreto da Convenção, de outubro de

1795, ligou à França os antigos ducados e condados, desmembrados da remota Lotaríngia, que estiveram sucessivamente sob o jugo dos burguinhões, espanhóis e austríacos. Criado como nação pela revolução de 1830, o novo Estado construiu-se como um decalque administrativo e jurídico do modelo francês e assentando-se em três particularidades: o liberalismo, a religião e a língua. O primeiro, generalizando-se na Europa, deixou de ser especificidade belga; a religião, que realmente distinguia os Países Baixos do Norte (os atuais Países Baixos) dos Países Baixos do Sul (a Bélgica), não conseguiu unir a nação, ao contrário, impotente em conter o sentimento separatista dos católicos flamengos, identificou-se com estes; já a língua, o francês, como cimento comunicativo, revelou-se uma ilusão dada pela classe burguesa, pois, com o decorrer do tempo, veio à tona a existência de dois povos distintos que falavam línguas diferentes no território nacional. O novo livro de Swennen baseia-se nessa constatação da insustentabilidade da Bélgica, que se tornou fraca e debilitada. Com grande sutileza de observação e bom humor, o autor nos apresenta uma análise esclarecida e realista do país, em que se podam falácias e floreios ilusórios, assumindo um tom nostálgico de quem saboreia as delícias do passado de um país fadado a desaparecer. Busca em suas lembranças migalhas de alegria que embelezam a idéia de morte, reunindo-as em um dicionário, com verbetes em ordem alfabética de duas ou três páginas, às vezes quatro, no máximo com cinco páginas.

Para Swennen, a cisão do país ocorrerá entre 2002 e 2018 (Cf. *Fin*, p. 106). No verbete *Roi*, ele se refere, com a primeira data, ao que parece, à entrada em vigor em seu uso efetivo da moeda única européia, embora houvésssemos pensado, inicialmente, que aludisse ao sétimo centenário da batalha das Esporas de ouro, com a qual os flamengos, com batalhão constituído de artesãos de Ypres e Bruges comandados por Pieter de Coninck e com a ajuda de voluntários valões, batem a cavalaria francesa de Felipe o Belo, em 11 de julho de 1302. Celebrada nas Flandres como festa nacional, a data é emblemática para uma separação planejada.

Dentre os temas desenvolvidos com nostalgia pelo autor, destacamos os verbetes *Accent*, em que lastima a perda dos sotaques regionais – informa-nos lembrar-se de ter ouvido no rádio o rei Leopoldo III expressar-se com a melodia do francês de Liège -, e *Football*, esporte que antes ignorava a política e que agora é marcado pela origem linguística dos desportistas, a ponto de se duvidar se a seleção belga reúne os melhores jogadores do país ou uma sábia dosagem de flamengos, bruxelenses e valões. Análise original do país é feita na rubrica *Hergé*, que enfoca duas personalidades atípicas nas artes belgas, em geral marcadas pelo surrealismo e pelo fantástico. Hergé e Simenon, cujas obras universais filiam-se, antes, a um realismo quase terra-a-terra, criam personagens sem identidade nacional, representantes de uma Bélgica vista como prolongamento da França. Às vezes, Swennen vai mais longe no passado para explicar o presente, como nos verbetes *Francs*, em que, investigando a origem da fronteira linguística, situa a cisão em Clóvis, o rei franco que se convertera ao cristianismo em 496, cisão esta que, camuflada pela elite, perdurou de modo invisível, tendo ressurgido de forma inesperada no final do século XIX; *Latinité*, onde recua no tempo em busca da origem para a oposição flamengos/valões ou em *Lotharingie*, antigo corredor talhado por Carlos Magno para seu filho Lotário, entre a França e a Alemanha, da qual a Bélgica é uma reminiscência.

O verbete *Femmes* é particularmente pitoresco. Swennen aí confessa sua felicidade com a chegada do feminismo, que permitiu ao homem belga, enfim, poder gozar de sua liberdade. Foi maravilhoso. Antes, é possível que em outras terras e outros estratos sociais que o dele existissem mulheres submissas. No meio em que conviveu, o que se via eram mulheres tirânicas e maridos subjugados. O operário belga só deixava a saia da mãe, a quem entregava todos os tostões que ganhava, no momento de cair sob a tutela da mulher, a qual da mesma forma passava a administrar as finanças da casa. É verdade que esta lhe dava alguns trocados para o cigarro e o futebol. Ele descreve a liberalidade sexual que sempre dominou a velha cidade episcopal de Liège, que sabia distinguir muito bem entre sexo e fé, deixando o puritanismo para outros.

Belgique requiem, suite et fin? pode ainda ser lido de outra forma. Não propriamente consultado como um dicionário, mas em leitura contínua de um livro comum. Daí emerge, como uma superestrutura, uma interpretação do destino belga, a pairar sobre o substrato histórico que embasa a obra. Frente ao desenvolvimento econômico da Flandre, para a qual a Valônia não passa de um peso morto e diante da atitude dos flamengos que, movidos pelo dinheiro e pelo orgulho, vêem os valões como aproveitadores do sistema belga de seguro social (verbetes *Chômage* e *Latinité*), Swennen não acredita no restabelecimento da Lotaríngia nem do ducado da Burgonha (verbeta *Lotharingie*). Considera inevitável a divisão do país e, para a Valônia, a solução mais realista lhe parece sua junção com a França (verbeta *W*), com a qual a região belga manteve laços históricos e afetivos (verbetes *Liège*, *Napoléon*, *Langue Française*).

A autora do último livro que aqui apresentamos, *Albert et Élisabeth. Mes parents*, é uma princesa belga e rainha da Itália. Da dinastia de Saxe-Cobourg, filha do rei Alberto I, Marie José é bisneta do primeiro rei dos belgas, Leopoldo I, e tia do atual rei Alberto II, bem como do precedente Balduino I, que faleceu sem descendência, tendo-lhe substituído no trono o irmão. O genitor desses monarcas, Leopoldo III, era seu irmão. E também seu outro irmão, Charles, ocupou o trono da Bélgica, como regente. Nascida em 1906, Marie José faleceu em 2001; era viúva desde 1983 do rei Umberto II, da casa de Sabóia, de efêmero reinado: um mês após ter este assumido o trono da Itália, em 1946, com a abdicação de Vítor-Emanuel III, foi proclamada a república no país.

A princesa belga não pretende, em seu livro, relatar, na íntegra, a vida de seus pais, soberanos na Bélgica no período 1909-1934, mas antes oferecer ao leitor suas lembranças pessoais, alicerçando-se em correspondência real inédita e em anotações da agenda materna, documentos que lhe foram doados pela rainha Elisabeth, antes de morrer, em 1965. Para armar a reconstituição histórica dos fatos, recorre ainda a obras contemporâneas. Daí *Albert et Élisabeth de Belgique. Mes parents* fazer-se fundamental para o conhecimento da personalidade dos soberanos belgas. Como não poderia deixar de ser, o recorte realizado na fonte documentária é parcial: é

o olhar de uma filha que vislumbramos. Entretanto, sente-se a busca de uma objetividade e ela nos mostra o casal real com honestidade, carinho e uma certa isenção afetiva. A sociedade que cerca a dinastia belga é vista com perspicácia, sagacidade e até ironia. O poder de observação da princesa, ao retratar personalidades, adquire finura e sutileza surpreendentes, quer quando se volta para a nobreza do início do século, ou quando descreve políticos com cargos de responsabilidade, artistas ou escritores. De suas reminiscências guarda a singeleza do olhar que as captou, permanecendo, às vezes, na pincelada, o aspecto irrisório da vida, aprendido pela criança, o qual não poupa nem mesmo os mais afortunados. Acreditamos na sinceridade da princesa ao querer, pelo menos em alguns momentos, levar uma vida banal, como, por ocasião de sua estadia no convento Sacré-Coeur de Linthout, perto de Bruxelas, onde ficou em regime de pensionato, dos 13 aos 18 anos, só saindo de lá nos fins de semana e nas férias, ao declarar: “Como eu teria gostado de ser tratada como as outras!”⁶

Dentre os retratos de personalidades consignados na obra destacamos o paralelo entre as rainhas Helena da Itália e Elisabeth da Bélgica (p. 230), o do príncipe de Gales, que mais tarde abandonará a coroa inglesa pelo amor (p. 210), o de Aristide Briand (p. 302), Poincaré (p. 204), Clemenceau (p.254), Woodrow Wilson (p. 270), Eugène e Théo Ysaye (p. 55,172, 203, 280), Verhaeren (p. 17, 54, 55), cuja voz ressoa, potente, em todo o livro.

Merece ainda consideração para os admiradores de Proust, o retrato da condessa Greffulhe (p. 222), que inspirou ao escritor francês a personagem da duquesa de Guermantes, delineada pela princesa belga e rainha da Itália em seu livro como mulher de grande beleza, intrigante e autoritária, em cujo salão se desenrolavam verdadeiras lutas ideológicas, pelo prazer que tinha em pôr em confronto adversários políticos ou literários. Irmã da condessa Caraman, dama de honra e companheira fiel da rainha Elisabeth, a condessa Geffulhe recebia seus convidados em seu belo palacete parisiense da rua d’Astorg.

Ao traçar a história de seus pais, Marie José organiza o texto em três partes, cunhadas em linguagem simples, concisa e clara. Na primeira parte, *Os anos fáceis de antes da guerra*,

descreve o grande amor que unia Albert da Bélgica a Elisabeth em Baviera⁷, baseando-se em citações da correspondência dos soberanos, a que já nos referimos, faz uma síntese acerca da construção do Estado Belga, onde lembra que, ao nascer em Ostende, recebe o nome de Marie José de sua avó materna, infanta de Portugal da dinastia dos Bragança, discorre sobre a educação dos príncipes, filhos do casal real, refere-se à linhagem paterna e materna com quem conviveu, a avó “Flandre”,⁸ as tias Henriette e Joséphine, no primeiro caso, os avós Wittelsbach, duques em Baviera, tios e primos, no segundo caso. Põe ainda em destaque as responsabilidades do pai como príncipe herdeiro, a morte de Leopoldo II e a entronização de Alberto I, em 1909, o amor do rei Alberto pela montanha e pelo alpinismo e da rainha Elisabeth pela música, em especial pelo violino. A primeira parte do livro se encerra com a descrição dos acontecimentos políticos no reinado de Alberto, entre 1909 e 1914, face à tormenta que se aproxima.

Consideramos que merece destaque nessa primeira parte o pouco caloroso relacionamento que se percebe entre as duas linhagens descendentes de Leopoldo I: O soberano herdeiro da coroa, criador do vasto império colonial do Congo, Leopoldo II, a rainha e filhas, de um lado, e a linhagem dos Flandre, formada pelo irmão, Philippe, conde de Flandre, que não foi rei mas cujo filho Alberto sucedeu a Leopoldo II, com a morte prematura do filho deste, o príncipe herdeiro Louis-Philippe.⁹ Marie José não hesita em sublinhar a rivalidade entre as duas linhagens da dinastia Saxe-Cobourg. Não é condescendente nem com o rei Leopoldo II, nem com a rainha Marie-Henriette, nem com Clémentine, a filha preferida do monarca. Da rainha, diz que os belgas pouco a viam, porque vivia retirada em Spa, cuidando de seus cavalos e de música folclórica húngara e que, durante os quarenta e nove anos vividos na Bélgica, não procurou compreender nem cativar o seu povo (p. 43). Atribui a difícil adaptação de sua mãe Elisabeth na Bélgica à rigidez da dinastia reinante (p. 44, 45 e 46). Referindo-se ao rei Leopoldo II e a Clémentine, Marie José afirma que “ambos são dotados de uma estatura esmagadora e de um espírito dos mais críticos, até mesmo sarcástico tão distanciado da benévola tolerância da família dos Bavière”.¹⁰ Adiante, fala da “perso-

nalidade ativa e intransigente” do “monarca severo” (que) gostava de pregar peças às vezes cruéis”.¹¹ À p. 89 sustenta que “o rei Leopoldo morre em 17 de dezembro de 1909, depois de quarenta e quatro anos de reinado, tendo perdido o afeto de seu povo”¹² e que quando agonizava, suas filhas já disputavam suas últimas vontades, enquanto faziam desaparecer às pressas pela escada de serviço sua amante. No seu enterro, “indiferente, a multidão não manifestava nenhum pesar”¹³.

A autora usa e abusa dos paralelos entre dois estilos de vida, o dos dois irmãos – o rei Leopoldo II (tio de Alberto) e o conde de Flandre (seu pai) – e posteriormente o do tio e do sobrinho monarcas, sempre para prestigiar um em detrimento do outro. No primeiro caso, afirma, à p. 43:

Dans les cérémonies officielles, le comte et la comtesse de Flandre (frère et belle-soeur du roi) tenaient le rôle laissé vacant par les trop invisibles souverains. (...) Leopold II, par son despotisme et sa vie privée discutée, avait l'opinion contre lui tandis que mes grands-parents, eux, jouissaient d'une certaine popularité. [...] Sur le plan mondain et artistique, le salon de la comtesse de Flandre recevait l'élite de la société: artistes et hommes de lettres fréquentaient cette petite cour qui rappelait un peu celle des princes allemands du XV^e siècle.

Ao cotejar os dois monarcas, à p. 86, opõe duas concepções éticas diferentes entre Leopoldo II e Alberto I, nas suas posições com relação às greves de 1902, à p. 92, dois estilos peculiares para governar e à p. 90 lembra que, ao estender o braço para jurar observar a constituição, Alberto I faz, pela primeira vez na história da Bélgica, o juramento em francês e também em flamengo.

A segunda parte do livro, intitulada *Os anos trágicos da guerra*, trata da invasão da Bélgica, em agosto de 1914, pelo exército alemão, apesar dos tratados de sua neutralidade existentes,¹⁴ o cerco de Antuérpia, a retirada do exército belga, que se entrincheira no último bastião de defesa do país ao oeste do rio Yser, chefiado pelo rei Alberto I; a inundação dos

polders de Nieuport, com a abertura das eclusas, o que vem permitir que se detenha o avanço alemão, seguindo-se as batalhas do Yser e de Ypres, cidade inteiramente destruída e incendiada e cujos arredores se transformam em necrópole com a morte de 300 000 aliados, dos quais 250.000 britânicos, tendo sido utilizados pela primeira vez na história, pelos alemães, gases asfixiantes (p. 202). Dois capítulos são ainda consagrados à estadia dos três príncipes, primeiramente, na Inglaterra, havendo Leopoldo entrado em Eton, Charles em Winchester e Marie José no convento das Ursulinas em Brentwood, no condado de Essex. Em seguida, a princesa é enviada para o pensionato florentino do Poggio Imperiale, conhecido pelo nome de Santissima Annunziata, onde fica de março de 1917 até o verão de 1919. É durante sua permanência na Itália que Marie José, aos 11 anos, vê pela primeira vez Umberto, seu futuro marido, então com 13 anos, vestindo o príncipe na oportunidade um costume de marinheiro (p. 229).

A família real, em sua retirada de Bruxelas, instalara-se primeiramente em Antuérpia e, com a iminência da tomada desta, retira-se, fixando-se por quatro anos em La Panne, onde ocupa a vila Maskens, propriedade dessa família de diplomatas belgas, situada nas dunas, em frente ao mar. O quartel general do rei Alberto está estabelecido em Furnes. A rainha, apesar de suas origens alemãs, se identifica desde o início com a sua nova pátria, recusando-se a acompanhar os filhos na Inglaterra, a fim de permanecer ao lado do marido e prestar sua contribuição na defesa do país. Dedicase de corpo e alma aos soldados feridos, exercendo suas atividades sobretudo no Hospital Oceano, que começou a funcionar em dezembro de 1914, com 1 200 leitos, cifra que se eleva a 3 000 no final da guerra (p. 198). Em sua agenda, consigna seu trabalho, assim como o andamento da guerra. Destacamos, no dia 7 de maio de 1915, o torpedamento pelos alemães do Lusitania, que trazia a mulher do eminente cirurgião Dr. Depage, a qual voltava da América, de onde trazia fundos que recolhera para os feridos. Laços de amizade uniam a rainha ao casal, que trabalhava na resistência comandada pelo rei dos belgas (p. 200). Registra igualmente, mais de uma vez, equívocos quanto

a sua posição: na Inglaterra, em visita aos filhos, acusa, no palácio de Buckingham, os ingleses de inércia diante do massacre da família imperial russa, ao que George V responde que a permanência dos Romanov na Inglaterra teria suscitado críticas, tendo em vista ser a czarina alemã; gafe proposital, engolida pela rainha dos belgas (p. 176). Também Clemenceau, cognominado o Tigre pela violência de seus atos e de suas palavras, recusara-se, inicialmente, a encontrar a rainha dos belgas, por tratar-se de uma alemã (p. 254). Essas injustiças se patenteiam com atos da rainha que se coadunam com sua declaração a Pierre Loti: “Uma cortina de ferro caiu entre minha família e eu.”¹⁵

Marie José, para salientar a coragem e heroísmo de seus pais, recorre a testemunhos supostamente isentos de partidarismo. Por ocasião das últimas ofensivas inimigas, segundo relato de Poincaré nas *Mémoires*, o rei dos belgas recusa-se a ceder o comando das tropas belgas ao general Foch, para continuar fiel à sua promessa de estar sempre à frente do exército de seus súditos (p. 248). Serve-se ainda a autora do testemunho de um jornalista francês para marcar a coragem materna na fase final da guerra, testemunho que reproduzimos abaixo, acrescentando a princesa a notação lacônica da rainha, em sua agenda, para o fato, que denuncia tratar-se de uma banalidade no cotidiano real:

[...] Estamos perto de Roulers. A estrada, em intervalos regulares, foi despedaçada por minas. [...] Bombas caem nos campos, à direita, à esquerda. Diante de nós um cavaleiro belga acaba de ser esmagado com o seu cavalo. Tendras cruzadas de vermelho, é um posto avançado. Uma limusine leve, muito simples e lambuzada de lama desliza diante de nós. Uma brancura desce com uma extremada juventude, esbelta e tão clara sob este céu cinza, sobre este solo cinza. Estamos como fascinados por um clarão demasiadamente vivo. A rainha Elisabeth, enfermeira da frente, acompanhada por um único oficial que a guia nessa balbúrdia, responde a nossa saudação com um sorriso. Por que a deixam vir até aqui? Oh! E se ela se ferisse!

Ambulâncias chegam com mutilados desmaiados e que parecem mortos. Macas se dirigem para a tenda, da qual a Rainha, de modo instintivo e simples, com um gesto branco, levanta e segura a portinhola.¹⁶

O capítulo se encerra com a descrição da grande ofensiva aliada, a vitória, a gripe espanhola e as “joyeuses entrées”¹⁷ da família real em Bruxelas. Nessa cerimônia, realizada no dia 22 de novembro de 1918, os soberanos e os filhos - Leopoldo, com 17 anos, em seu uniforme de tenente da 12ª linha e Charles, com 15 anos, como cadete da Marinha inglesa - , acompanhados pelo duque de York, representando o rei da Inglaterra, Pétain, o general Pershing e outros, havendo o séquito cavalcado pelas ruas de Bruxelas, sob aclamações frenéticas, e o rei discursado em frente ao parlamento. Antes da assinatura do tratado de Versalhes, em junho de 1919, o presidente Wilson visita os campos de batalha da Bélgica, a autora não esquecendo de consignar a nota cômica advinda da falta de cerimônia da filha de Woodrow Wilson em empoar-se em público, a todo instante, incomodando a rainha Elisabeth, que não parava de espirrar.

A terceira e última parte do livro, *Les annés difficiles d'après-guerre*, enfoca a vida da família real em Laeken, o tratado de Versalhes e a Bélgica, as realizações nos quinze anos de reinado de Alberto I no pós-guerra, o casamento do filho Leopoldo com a princesa sueca Astrid e da filha Marie José com Umberto, herdeiro do trono da Itália, os laços de amizade e a correspondência dos soberanos belgas com personalidades da época e o capítulo final retrata a cruel separação, advinda com a morte do rei Alberto em 17 de fevereiro de 1934.

Selecionamos, nas lembranças de Marie José para este período, as infrutíferas transações políticas visando à recuperação aos Países Baixos em favor da Bélgica da margem esquerda do rio Escaut, parte do Limburgo e da Zelândia, as compensações obtidas pela Bélgica no tratado de Versalhes (a incorporação ao país dos territórios fronteiriços à Alemanha, Eupen, Malmédy e Saint-Vith, o mandato sobre as colônias alemãs na África, Ruanda e Burundi e a restituição de dois

painéis do célebre tríptico de Van Eyck, *O cordeiro místico*, roubados durante a ocupação) e a reconstituição da biblioteca de Louvain. A autora enfatiza a preocupação do Rei-Cavaleiro em atender às aspirações legítimas dos flamengos relacionadas com a identidade flamenga a ser restituída a sua universidade, ao ensino, exército, administração e magistratura, bem como com o desenvolvimento científico (o balão estratosférico de Auguste Piccard) e industrial do país (o cinquentenário das usinas Cockerill, em Seraing). Foram criados o Parque Nacional, para conservação da fauna e da flora do Congo e, ligados à ação da soberana, a Fundação médica Rainha Elisabeth, a Fundação egíptológica Rainha Elisabeth e o célebre Concurso Internacional Rainha Elisabeth, instituído em prol de jovens intérpretes e compositores de violinos.

Finalmente, no derradeiro capítulo do livro, Marie José narra, com um certo pudor dolorido, o acidente trágico que levou o rei Alberto I à morte, numa escalada, no dia 17 de fevereiro de 1934, em Marche-les-Dames, nas margens rochosas e escarpadas do rio Meuse, perto de Namur. Como filha, vê seu pai na época como um homem que parecia desligar-se das contingências do mundo, encarando a vida do alto, reduzindo-a ao essencial, e a humanidade, com grande tolerância. É a imagem final que deixa do pai. Quanto ao sofrimento da família, resume-o a três cartas, uma da mãe, que lhe foi dirigida em um momento em que Marie José esperava seu primeiro filho, outra de Carlo Delcroix, publicada no *Corriere della sera*, em 26 de fevereiro de 1934 e a terceira de Albert Einstein, datada apenas de três dias após o acidente fatal. Marie José lembra que sua mãe sobreviveu trinta anos ao desaparecimento do pai e que sua intenção, ao publicar essas memórias, é a de transmiti-las em sua realidade, demonstrando a maneira intensa da vida do casal real.

A obra traz um prefácio de Georges-Henri Dumont e uma introdução de Yves-William Delzenne. O primeiro nos fala de Marie José e do livro sobre seus pais, cuja primeira publicação, pelas Edições Plon, com data de 1971, se encontrava esgotada. A segunda tece uma variação temática em torno de uma princesa.

Já dissemos a presença forte de Verhaeren no livro de Marie José. Falta-nos acrescentar que são palavras de Maeterlinck as que abrem o livro. Elas nos falam da recordação que, no fundo do coração, faz-se mais próxima e real que a própria realidade (cf. *Avertissement*, p.15). Acreditamos que a sensibilidade de Marie José traz, do fundo do coração, uma nova luz para iluminar o casal real no cenário da história.

Antes de concluir, levantamos, a título de colaboração, algumas correções, que poderão ser introduzidas em uma nova edição da obra:

À p. 71, o ano da morte do príncipe Karl de Hohenzollern, cunhado do rei Alberto, não coincide com o que aparece à p. 351: 1918 e 1919, respectivamente.

À p. 82, Alberto não poderia desembarcar em Antuérpia, em junho de 1909, ao regressar de sua viagem ao Congo, pois Marie José relata, à p. 81, a propósito de seu pai, que “Foi provavelmente de 1º. a 27 de julho que ele desceu o rio Congo até Léopoldville, hoje Kinshasa, e daí alcançou Matadi e Boma de onde embarcou para a Bélgica”¹⁸.

À p. 93, o texto se refere a trinta e cinco anos de reinado de Albert I ¹⁹, o que não é correto, pois o rei Leopoldo tendo falecido em 17 de dezembro de 1909 e o rei Alberto em 17 de fevereiro de 1934, o reinado deste totalizou vinte e quatro anos e dois meses.

À p. 358, as remissões a Charles, conde de Flandre, relativas às páginas 237, 238 e 239, no texto do livro, não se referem ao conde de Flandre, mas a seu homônimo o imperador Charles de Habsbourg, sucessor de François-Joseph.

Enfim, três erros de revisão: à p. 262, no feminino, o adjetivo *wallon* dobra o *n* final antes de tomar o –e da concorância do gênero; à p. 76, o nome do palácio do *Prado* está grafado com inversão das consoantes e à p. 137, *fortifications* está transcrito erroneamente.

FOCUS ON BELGIUM

ABSTRACT — *My purpose is to give a better understanding of Belgium, a country that adopted federalism a few years ago in order to allow each cultural group to strengthen its identity. The analysis is based on three*

books: *Les racines de la Belgique (Belgium's Roots)*, by Jean Stengers (2000), *Belgique requiem (Belgian Requiem)*, by René Swennen (1999) and *Albert et Elisabeth de Belgique (Albert and Elisabeth of Belgium)*, by Princess Marie José (2000, new edition).

KEY WORDS: *European community. Belgium. Cultural identity.*

NOTAS

¹ STENGERS, Jean. **Les racines de la Belgique**. Histoire du sentiment national en Belgique des origines à 1918. jusqu'à la révolution de 1830. Editions Racine, 2000. Tomo 1.

² SWENNEN, René. **Belgique requiem, suite et fin?** Bruxelas: Editions Complexe, 1999. 108 p.

³ MARIE JOSÉ. **Albert et Élisabeth de Belgique**. Mes parents. Collection "Les évadés de l'oubli". Biographie. Avec le soutien de "La Libre Belgique". Bruxelas: Le Cri édition, 2000.72

364 p. Na verdade, trata-se de uma reedição belga da obra esgotada, publicada na França, em 1971, pelas Editions Plon. (OBS.: quando o presente trabalho *A Bélgica em foco* foi escrito, a princesa ainda vivia, tendo, entretanto, falecido em 2001)

⁴ Notger, em 980, transformou seu bispado em principado ao assumir o poder temporal sobre o território de Liège, tornando-se o primeiro príncipe-bispo.

⁵ A revolução de 1830, que criou o reino da Bélgica, libertou os Países Baixos do Sul (católicos), que se encontravam reunificados, sob a coroa de Guilherme I de Orange, aos Países Baixos (protestantes), após a queda de Napoleão, em 1814. Nessa luta pela libertação da Bélgica, participou, ao lado dos flamengos católicos, a região de Liège, cujo principado episcopal, ligado ao Santo Império Romano Germânico, tivera a existência de oito séculos, tendo se desintegrado deste com a Revolução Francesa, com o apoio da população, e sido anexado à França em 1795.

⁶ Cf. p. 278: "Combien j'aurais aimé être traitée comme les autres!"

⁷ A dinastia Wittelsbach da Baviera, a partir do rei Maximiliano I (1756 – 1825), distinguia-se em dois ramos, a casa ducal da

Baviera, com os descendentes da linhagem real e a casa ducal em Baviera, formada pelos descendentes de Guilherme, primo do rei. A rainha Elisabeth da Bélgica se filia a esta última. A casa de Wittelsbach remonta a Luitpold, nascido em 907, primo e capitão do imperador carolíngio Arnulf.

- ⁸ Não sendo filho de rei, Alberto descende de Philippe, conde de Flandre, falecido em 1905, o qual Marie José, nascida em 1906, não conheceu. É hábito na nobreza européia nomear os príncipes pelo topônimos ligados aos seus títulos.
- ⁹ Baudouin, irmão mais velho de Albert, nascido em 1869 (portanto seis anos antes de Albert), morrera aos 22 anos. Com a morte prematura do filho de Leopoldo II, destinava-se a ser o terceiro rei dos belgas e o monarca pretendia casá-lo com a sua filha Clémantine, embora fossem primos. A morte dos dois príncipes levou Alberto a assumir a coroa da Bélgica.
- ¹⁰ Cf. p. 47: “tous deux dotés d’une stature écrasante et d’un esprit des plus critiques, voire sarcastique, si éloigné de la bienveillante tolérance de la famille de Bavière”.
- ¹¹ Cf. p. 47: “caractère hautain et cassant” [...] “le sévère monarque aimait jouer des tours parfois cruels”.
- ¹² Cf. p. 89: “Le roi Léopold s’éteignit le 17 décembre 1909, après quarante-quatre années de règne, ayant perdu l’affection de son peuple.”
- ¹³ Cf. p. 90: “Indifférente, la foule ne manifestait aucun regret.”
- ¹⁴ “Chiffon de papier, chiffon de papier, ce n’est que ça!” (= “Trapos de papel, trapos de papel, é apenas isso”), assim referia-se ao tratado de neutralidade belga o chanceler Von Bethmann-Hollweg (cf. p. 133).
- ¹⁵ Cf. p. 254: “Un rideau de fer est tombé entre ma famille et moi.”
- ¹⁶ Cf. p. 259: “[...] Nous sommes près de Roulers. La route, à intervalles réguliers, a été crevée par des mines. [...] Des obus tombent dans les champs, à droite, à gauche. Devant nous, un cavalier belge vient d’être broyé avec son cheval. Des tentes croisées de rouge, c’est un poste avancé. Une limousine légère, très simple et engluée de boue glisse devant nous. Une blancheur descend, d’une extrême jeunesse, svelte et si claire sous le ciel gris, sur ce sol gris. Nous sommes comme éblouis par une lueur

trop vive. La reine Élisabeth, infirmière du front, accompagnée d'un seul officier qui la guide dans cette cohue, répond à notre salut par un sourire. Pourquoi la laisse-t-on venir jusqu'ici? Oh, si elle allait être blessée!

Des voitures d'ambulance amènent des mutilés évanouis et qui semblent morts. Les civières se dirigent vers la tente, dont la Reine, tout instinctive et simple, d'un geste blanc, soulève et retient la portière."

Em nota, a autora esclarece ser o texto de autoria de Albert Cahuet, publicado em *Illustration*, de 26-10-1918.

¹⁷ "Entradas alegres": trata-se da entrada solene de um monarca em uma cidade.

¹⁸ Cf. p. 81: "C'est probablement du 1^{er} au 27 juillet qu'il descendit le fleuve Congo jusqu'à Léopoldville, aujourd'hui Kinshasa, et de là gagna Matadi et Boma d'où il s'embarqua pour la Belgique."

¹⁹ Cf. p. 93: "On peut dire que durant les trente-cinq années de son règne, Albert I [...]" (= "Pode-se dizer que durante os trinta e cinco anos de seu reino, Alberto I [...]).

REFERÊNCIAS

DHONT, Jean. **Histoire de la Belgique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1963. (Coll. "Que sais-je?").

DUMONT, G.H. **Histoire de la Belgique**. Paris: Hachette, 1977.

MARIE JOSÉ. Albert et Élisabeth de Belgique. Mes parents. Coll. "Les évadés de l'oubli". Biographie. Avec le soutien de "La Libre Belgique". Bruxelles: Le Cri édition, 2000.

SEVRIN, Robert. **Géographie de la Belgique et des Pays-Bas**. Paris: Presses Universitaires de France, 1969. (Coll. "Que sais-je?").

STENGERS, Jean. Les racines de la Belgique. Histoire du sentiment national en Belgique des origines à 1918. Editions Racine, 2000. Tome I: jusqu'à la révolution de 1830.

SWENNEN, René. **Belgique requiem, suite et fin?** Bruxelles: Editions Complexe, 1999.